

**espaço
democrático**

Fundação para Estudos e Formação Política do PSD

Por um modelo pedagógico ATUALIZADO



LUIZ ALBERTO MACHADO



Documentos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

DOCUMENTO

O autor
LUIZ ALBERTO MACHADO



Economista formado pela Universidade Mackenzie, com especialização em Desenvolvimento Latino-Americano pela Boston University. Mestre em Criatividade e Inovação pela Universidade Fernando Pessoa (Portugal). É sócio-diretor da empresa SAM - Souza Aranha Machado Consultoria e Produções Artísticas e assessor econômico da Fundação Espaço Democrático. Conselheiro da Fundação Educacional Inaciana (FEI) e do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial. Autor do capítulo sobre o Brasil do livro *Latin American Business Cultures* (Chicago, IL: Prentice Hall, 2005), dos livros *Como enfrentar os desafios da carreira profissional* (Trevisan Editora, 2012), *Das quadras para a vida: lições do esporte nas relações pessoais e profissionais* (Trevisan Editora, 2018) e *Viagem pela Economia* (Scriptum, 2019), e organizador dos livros *Para onde vamos: Política, economia e segurança pública no mundo contemporâneo* (Scriptum, 2017) e *Interpretações do Brasil* (Scriptum, 2018).

Por um modelo pedagógico atualizado

INTRODUÇÃO

Afirmar que o baixo nível da educação no Brasil é um dos principais - se não o principal - fatores para que o País permaneça no patamar dos países em desenvolvimento, sem avançar definitivamente para o seleto grupo dos desenvolvidos, apesar da vastidão de seu território, de sua enorme população, de ampla disponibilidade de terra cultivável, de boas condições climáticas, de fartas e diversificadas fontes de energia e de uma história marcada por boas relações com seus vizinhos, é "chover no molhado".

A bem da verdade - e para não se somar aos textos que só mencionam problemas, sem considerar eventuais pontos positivos - tivemos avanços importantes na área da educação, em especial se fizermos uma análise de longo prazo. Como bem lembra o embaixador Rubens Ricupero, em sua monumental obra sobre a diplomacia na construção do Brasil (2017, p. 737):

"O poder efetivo brota da aquisição do conhecimento pela educação e a pesquisa, de sua aplicação à vida material, da capacidade de lidar com a totalidade dos desafios, da conquista de nível comparável ao dos avançados, não apenas em isolados setores de excelência, mas em todos os setores da sociedade brasileira, a começar pelo ambiental, os direitos humanos, a igualdade de gênero, social, racial, a proteção dos membros mais frágeis e vulneráveis da comunidade.

Estamos longe desse objetivo, mas chegamos até aqui com educação e instituições que não eram melhores que as atuais. Ingressamos no século XX com dezessete milhões de brasileiros, dos quais 84% analfabetos, com expectativa de vida pouco inferior aos trinta anos, como na Idade Média. É razoável pensar que estamos mais distantes do país da escravidão do qual partimos que da meta de nação desenvolvida que almejamos atingir".

Analisando numa perspectiva temporal mais curta, testemunhamos uma melhora considerável durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Com Paulo Renato Souza à frente do Ministério da Educação, o Brasil conseguiu praticamente universalizar o acesso à escola infantil, atingindo a marca de 97% das crianças até 7 anos frequentando as escolas públicas ou privadas. Esse aspecto foi mencionado por Priscila Cruz, presidente-executiva da ONG Todos pela Educação, em recente participação nos Diálogos no Espaço Democrático:

“A gente tinha 97% no Ensino Fundamental, no final da gestão do Paulo Renato. Depois, nos anos seguintes, na pré-pandemia, chegamos no Fundamental I e Fundamental II perto de 99% das crianças, mas na Educação Infantil e no Ensino Médio ainda não chegamos nesse mesmo patamar. Eu posso errar, mas se não me engano o último número era 84% na pré-escola e alguma coisa em torno de 76% a 78% no Ensino Médio. Então, não chegamos aos 100% em todas as etapas. No Fundamental, sim. Isso está mudando rapidamente porque foi aprovada em 2009 uma legislação que tornou obrigatória - com um período de transição - a matrícula de 4 a 17 anos. Até a gestão do Paulo Renato, a obrigatoriedade era de 7 a 14; depois ficou de 6 a 14, andou uma casinha para trás. E em 2009 foi aprovada essa legislação e o Todos pela Educação foi um ator bastante ativo. Está vindo rápido e devemos chegar perto de 100% em todas as etapas, ou perto de 100%, mesmo porque, infelizmente, nenhum país do mundo tem 100%”.

A maior parte desses avanços deu-se em aspectos quantitativos, deixando como grande desafio a melhora de aspectos qualitativos, aspecto agravado pela pandemia que teve efeitos muito perversos. Por isso, os avanços verificados não foram suficientes para que o Brasil passasse a figurar com destaque nos rankings internacionais de educação. Muito pelo contrário. Com raras exceções, nossos estudantes continuam ocupando as últimas posições nas mais recentes avaliações.

Mesmo reconhecendo a relevância de mudanças estruturais e organizacionais, optei, no presente texto, por enveredar por um aspecto essencial para a superação dos inúmeros desafios que temos pela frente, qual seja, a adoção de um modelo pedagógico adequado e o preparo de seus quadros docentes para efetuarem eficientemente suas funções num mundo caracterizado pelo ritmo alucinante de mudanças, no qual o acesso à informação, que durante muito tempo se constituía num diferencial, é hoje amplamente generalizado, graças, sobretudo, aos avanços na tecnologia da informação e da inteligência artificial.

MODELO PEDAGÓGICO INADEQUADO

Tenho me preocupado com questões relacionadas à educação - e mais especificamente aos modelos pedagógicos adotados em nossas escolas e faculdades - há muitos anos. E, desde o primeiro momento tive uma certeza: não seria possível continuar mais com o modelo pedagógico ainda prevalecente na esmagadora maioria de escolas e faculdades, que combina ensino padronizado, baseado na maior parte das vezes em exposição oral, e avaliações individualizadas, nas quais se exige mais a reprodução do que foi ensinado aos alunos do que a produção do conhecimento (Figura 1).



Figura 1 - Modelo pedagógico tradicional

Ao me referir a aulas expositivas, verifica-se a manutenção de um estilo obsoleto em que o professor passa o tempo todo - ou quase todo - de suas aulas expondo oralmente a matéria, cabendo ao aluno um papel passivo na relação entre ensino e aprendizagem. Apesar das evidências apontadas em diversas pesquisas a respeito de estilos de aprendizagem mostrando as limitações do aprendizado au-

ditivo - aspecto que será mais detalhado logo adiante - há ainda um volume significativo de professores que insistem em utilizar em suas aulas esse estilo baseado exclusivamente na oratória, no qual o professor passa a maior parte do tempo falando e o aluno, passivamente, escutando. Ou fingindo escutar, o que é pior. O professor Henrique Vailati Neto, por muitos anos diretor do Colégio FAAP, deu a esse estilo de aula o sugestivo nome de "modelo arrotativo-regurgitatório", ilustrado adequadamente na figura 2, reproduzida do delicioso livro *Um 'TOC' na cuca*, de Roger von Oech¹ (1988, p. 23).

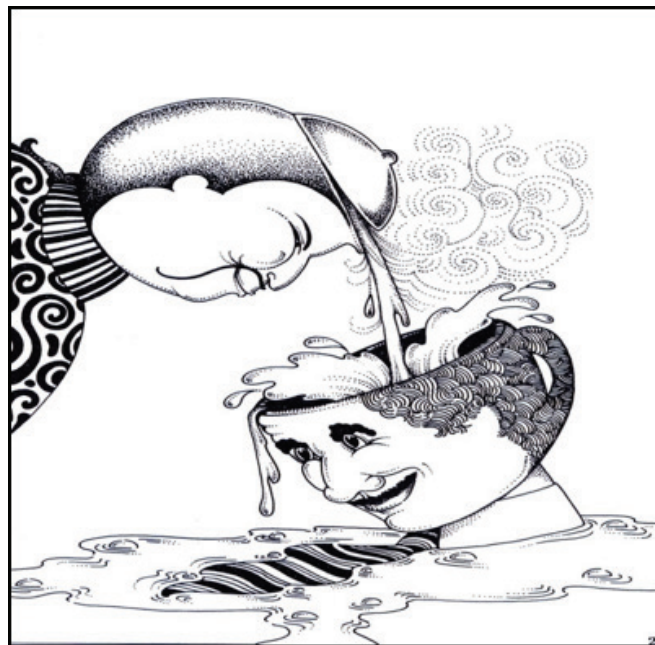


Figura 2 - "Modelo arrotativo-regurgitatório", em que o professor despeja informações no cérebro do aluno

Além de favorecer a reprodução - e não a produção - do conhecimento, o que por si só é suficiente para desestimular o desenvolvimento do potencial criativo, a esmagadora maioria dos professores ministra suas aulas considerando o aprendiz como um ser multifacetado, dividido em compartimentos es-

¹ Publicado originalmente em 1983 com o título *A Whack on the Side of the Head*, este livro foi relançado em comemoração ao Jubileu de Prata, com o título de *Tenho uma ideia* (Best Seller, 2011).

tanques. Nesse modelo, correspondente ao velho paradigma², o cérebro, sede da racionalidade, o coração, sede das emoções, e o corpo, sede da movimentação física, são separados por uma espécie de muro (Figura 3).

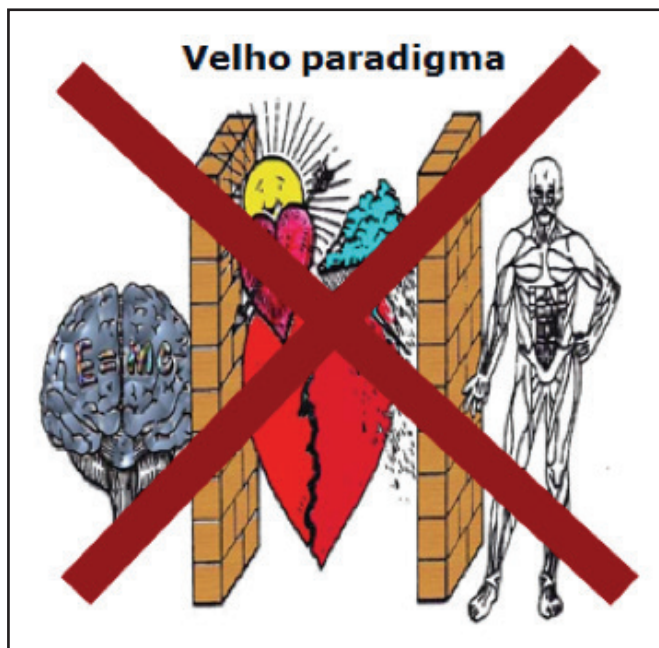
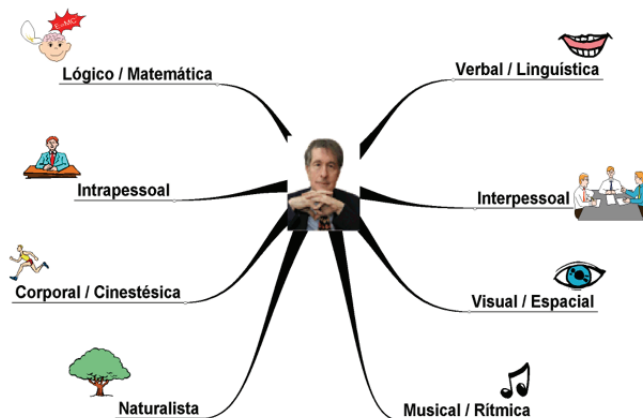


Figura 3 - Visão compartimentada do aprendiz

Se isso não bastasse, há duas agravantes. A primeira é que, com raríssimas exceções, os professores ignoram a teoria das múltiplas inteligências de Howard Gardner (Figura 4³), privilegiando apenas a inteligência verbal-linguística e a inteligência lógico-matemática, deixando em flagrante desvantagem os estudantes que têm mais desenvolvidas as outras inteligências.



Fonte: MACHADO, 2012, p. 98.

Figura 4 - Múltiplas inteligências

Psicólogo construtivista muito influenciado por Piaget, Gardner, o autor da Teoria das Múltiplas Inteligências, distingue-se de seu colega de Genebra na medida em que Piaget acreditava que todos os aspectos da simbolização partem de uma mesma função semiótica, enquanto que ele acredita que processos psicológicos independentes são empregados quando o indivíduo lida com símbolos linguísticos, numéricos, gestuais ou outros. Assim, o desempenho em uma área cognitiva pode ser ótimo, enquanto em outra pode estar abaixo da média, pois, em vez de haver uma faculdade mental geral, existem formas independentes de percepção, memória e aprendizado. As inteligências múltiplas são identificadas como: lógico-matemática, verbal-linguística, intrapessoal, interpessoal, corporal-cinestésica, visual-espacial, naturalista e rítmico-musical.

² Em *A estrutura das revoluções científicas*, Thomas Kuhn afirma: “paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (1982, p. 13).

³ As figuras 4 e 7 são apresentadas no formato de *Mind Map*. Concebido pelo inglês Tony Buzan, o *Mind Map* é uma técnica para se utilizar de forma mais apropriada o potencial do cérebro, melhorando fatores como motivação, imaginação, inteligência e criatividade. O *Mind Map* estimula o cérebro a trabalhar de forma mais integrada (*Whole Brain Thinking*), tornando a performance mais rápida, mais divertida, flexível e lógica, de acordo com o “projeto” pelo qual o cérebro foi concebido. Pode ser aplicado em brainstorming, métodos de aprendizado e treinamento, estimulando a associação e geração de ideias, bem como favorecendo a sua retenção e recuperação.

Essas inteligências são independentes uma das outras, mas raramente funcionam isoladamente. Embora algumas ocupações exemplifiquem uma inteligência, na maioria dos casos as ocupações ilustram bem a necessidade de uma combinação de inteligências. O exemplo que se segue, utilizado pelo prof. Celso Antunes (2000, p. 22), ilustra bem essas colocações:

“O drible de Garrincha (inteligências cinestésico-corporal e espacial) à frente de três zagueiros da Checoslováquia em julho de 1962, no Chile, foi praticamente o mesmo efetuado, na copa de 1958, em Gotemburgo, contra quatro zagueiros da então União Soviética; a tenacidade de Van Gogh (inteligências cinestésico-corporal, interpessoal e espacial) em seu trabalho e a obsessão de Mozart (inteligências musical e interpessoal) nos falam bem dessa convergência”.

A segunda, não menos prejudicial, é que se valendo exclusiva ou principalmente de aulas expositivas, os professores acabam não levando em conta que os estudantes possuem diferentes estilos de aprendizagem, sendo alguns mais auditivos, outros mais visuais e outros mais cinestésicos (Figura 5). Cada um desses estilos de aprendizagem requer técnicas diferenciadas. Para os predominantemente auditivos, recomenda-se o uso de narrativas, músicas, audiotextos e diálogos. Já para os predominantemente visuais, recomenda-se o uso de figuras, gráficos, filmes, vídeos e fotografias. E para os predominantemente cinestésicos, recomenda-se o uso de simulações, experiências laboratoriais e exercícios físicos.

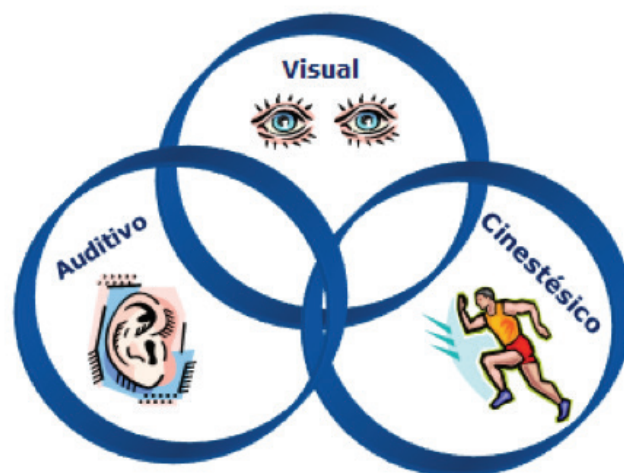


Figura 5 - Estilos de aprendizagem

Atribui-se a Confúcio a citação “Eu ouço, eu esqueço; eu vejo, eu lembro; eu faço, eu aprendo”. Porém, não há consenso entre os especialistas nas estatísticas referentes a um eventual predomínio de um determinado estilo de aprendizagem. A recomendação, nesse sentido, é de que os professores mesquem as atividades propostas aos estudantes ao longo de suas aulas, de tal forma que possibilitem um aprendizado efetivo tanto aos predominantemente visuais, como aos predominantemente auditivos e/ou cinestésicos.

Diversos autores, entre os quais DePorter (1992), Dunn e Trefinger (1992), Garbo e Dunn (1991), Grinder (1989), e Ramos (2002), têm se debruçado sobre esse tema e as conclusões das pesquisas e estudos realizados por eles não são consensuais. A maior parte, no entanto, converge no sentido de que há três estilos predominantes de aprendizagem: alguns são mais receptivos a estímulos visuais; outros a auditivos; outros ainda precisam agir, vivenciar uma experiência, realizar algo, pois são mais cinestésicos. Alguns são mais introspectivos, outros mais comunicativos, sentindo-se melhor ao compartilhar e ao trabalhar em forma colaborativa.

A exemplo do que ocorre com a identificação dos estilos de aprendizagem, também as estatísticas não apresentam resultados padronizados. Parece, no entanto, haver concordância quanto ao fato de que a maioria das pessoas é predominantemente visual; a seguir, vêm as pessoas predominantemente auditivas; e, por último, as predominantemente cinestésicas. Na pesquisa realizada por Kenneth e Rita Dunn, por exemplo, citada por Dryden e Vos os seguintes resultados foram obtidos (1996, p. 311):

- *Apenas 30% dos alunos se lembram de até 75% daquilo que ouvem durante um período normal de aula.*
- *Quarenta por cento retêm três quartos daquilo que leem ou veem. Esses aprendizes visuais são de dois tipos: alguns processam informações em forma de palavras, enquanto outros retêm o que veem em forma de um diagrama ou de uma imagem.*
- *Quinze por cento aprendem melhor de forma tátil. Precisam manusear materiais, escrever, desenhar e se envolver em experiências concretas.*
- *Outros 15% são cinestésicos. Aprendem melhor fazendo fisicamente - participando em experiências reais que, em geral, têm aplicação direta para suas vidas.*

Outro aspecto sobre o qual há razoável convergência refere-se à importância da utilização combinada de estratégias de ensino que estimulem mais de um estilo de aprendizagem. Isso porque, ainda de acordo com os Dunn (Apud Dryden e Vos, 1996, p. 313):

“Cada um de nós, em geral, tem uma potencialidade dominante, além de uma secundária. E, numa sala de aula, se nossa principal potencialidade perceptiva não combinar com o método de ensino, talvez tenhamos dificuldades de aprender, a menos que possamos compensar com nossas potencialidades perceptivas secundárias”.

Essa perversa combinação que tem uma visão reducionista do aprendiz e que despreza as múltiplas inteligências e os diferentes estilos de aprendizagem é responsável muitas vezes pelo elevado grau de desestímulo dos estudantes e, por conseguinte, pelo baixo nível de aproveitamento que resulta, não raras vezes, em retenção e evasão.

PROPOSTAS PARA UM NOVO MODELO PEDAGÓGICO

Considerando os aspectos mencionados na seção anterior, as propostas de um novo modelo pedagógico, que dependerão, sobretudo, de investimentos substanciais no treinamento de professores, começam pela forma diferente de considerar os aprendizes. É preciso abandonar o velho paradigma da visão compartimentada mostrado na figura 2, substituindo-o por um novo paradigma, no qual duas diferenças ficam evidentes: (i) em vez de um muro separando cérebro, coração e corpo, deve haver uma interação dessas dimensões, com o reconhecimento de que cada uma delas influencia e é influenciada pelas demais; (ii) às três dimensões - racional, emocional e física - deve ser acrescentada uma quarta, a espiritual⁴ (figura 5).

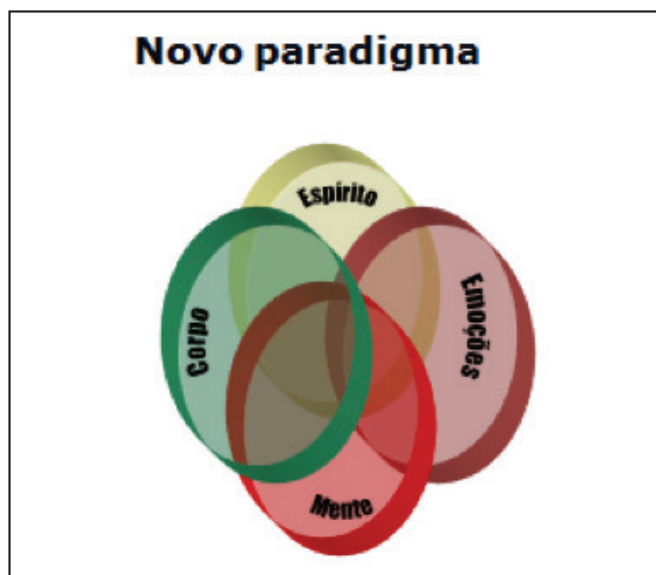


Figura 5 - Visão integral do aprendiz

A partir dessa nova forma de encarar o estudante, torna-se necessário abandonar a postura obsoleta do professor como único participante ativo da relação entre ensino e aprendizagem, substituindo-a por outra baseada na intensa participação dos alunos.

Paul Torrance, renomado especialista em Educação e em Criatividade, referiu-se a esse aspecto da seguinte forma em seu livro *Creativity - just wanting to know*: "A educação tem insistido que as pessoas aprendem por autoridade - sendo ensinadas. Nós acreditamos que as pessoas preferem aprender criativamente - explorando, questionando, experimentando, testando, modificando ideias...".

Tendo por base essa proposta criativa de Paul Torrance, o modelo pedagógico proposto, que leva em consideração a visão integral do estudante, e considera tanto as múltiplas inteligências como os diferentes estilos de aprendizagem, diferencia-se substancialmente do modelo tradicional, como pode ser visto no quadro 1.

ÊNFASES DO MODELO TRADICIONAL

Processamento sequencial
 Aprendizado compartimentalizado
 Aquisição de informação
 Aprendizado passivo (leitura, palestra)
 Motivação extrínseca (notas)
 Palavras, números
 Competição entre os aprendizes
 Uniformidade nos processos de aprendizagem
 Forma (seguir um caminho pré-estabelecido)
 Pensamento linear

ÊNFASES DO MODELO PROPOSTO

Processamento simultâneo
 Aprendizado contextual
 Habilidade de pensamento
 Aprendizado ativo (“mãos à obra”)
 Motivação intrínseca (crescimento, diversão)
 Conceitos, princípios, sentimentos
 Colaboração entre os aprendizes
 Variedade nos processos de aprendizagem
 Função (obter resultados)
 Pensamento sistematizado

Quadro 1 - Diferenças entre modelos pedagógicos

OBJETIVO DO NOVO MODELO PEDAGÓGICO

O modelo pedagógico proposto, que pressupõe uma nova atitude dos professores, tem como principal objetivo permitir que a relação ensino/aprendizagem seja realizada de maneira mais eficaz, deixando de ser uma espécie de ficção, descrita pelo Prof. Eduardo Giannetti em recente entrevista ao jornal *O Globo*⁶ como: “No Brasil, a educação se resume a uma situação em que uns fingem que ensinam, outros fingem que aprendem e tudo termina em diploma”.

O novo modelo pedagógico permite maior eficácia na relação ensino/aprendizagem porque toca nos três aspectos - complementares e indissociáveis - dessa relação: o registro (*record*) do conhecimento; a retenção (*retain*) desse conhecimento; e, por fim, a capacidade de recuperar (*recall*) esse conhecimento quando for necessário fazer uso dele. Tem-se, assim, o chamado ciclo dos 3 Rs (Figura 6).

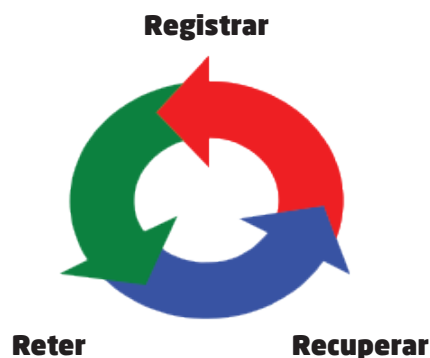


Figura 6 - Ciclo da aprendizagem

⁶ GIANNETTI, Eduardo. 'No Brasil, vivemos grande retrocesso na formação humana'. Entrevista a Bruno Alfano. *O Globo*, 26 de junho de 2022. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/educacao-360/noticia/2022/06/no-brasil-vivemos-grande-retrocesso-na-formacao-humana-diz-eduardo-giannetti.ghtml>.

A relação ensino/aprendizagem só é efetiva quando algo que é ensinado por uma pessoa é efetivamente aprendido por outra(s). Para que isso ocorra, é necessário que um ciclo seja percorrido ⇒ o ciclo dos 3 Rs.

Entre as teorias que podem ter uma contribuição decisiva para essa maior efetividade da relação entre ensino e aprendizagem destaco a abordagem conhecida como aprendizagem acelerada (*accelerated learning*). Com fundamentação em ciência cognitiva, psicologia humanista e sistemas de pensamento, os métodos e abordagens da aprendizagem acelerada diferem dos métodos e abordagens do século XIX.

A aprendizagem acelerada enfatiza a obtenção de resultados e inclui diversos elementos (figura 7), porém há alguns princípios comuns: envolvimento total do aprendiz (o aprendiz não é um receptor passivo, mas um cocriador ativo do conhecimento); colaboração e ajuda mútua entre os aprendizes; enfoque multissensorial; processamento através do uso integrado do cérebro (hemisférios direito e esquerdo); “aprender fazendo” dentro de um determinado contexto; encorajamento à criação de coisas novas sem medo do “fracasso”; e, por fim, uma sensação de alegria e entusiasmo em fazer, aprender e crescer.

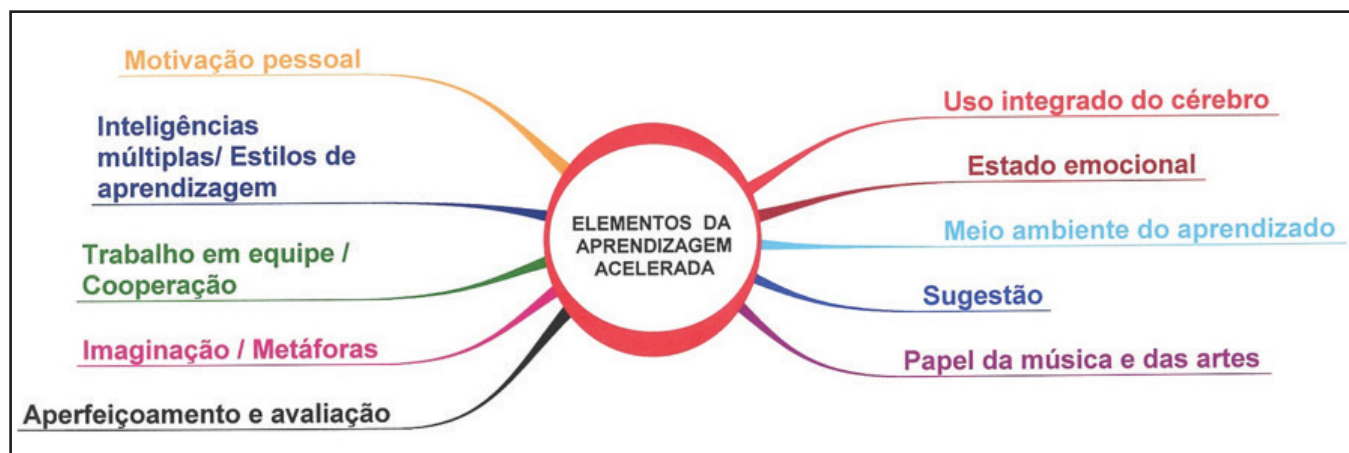


Figura 7 - Elementos da aprendizagem acelerada





Obviamente, como já assinalado, haverá necessidade de grande ênfase no processo de formação de professores, uma vez que, independentemente dos recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados, o professor continua - e continuará por muito tempo ainda, em minha opinião - sendo o protagonista da relação entre ensino e aprendizagem. Esse protagonismo do professor também foi enfatizado por Priscila Cruz:

“O professor é o principal profissional do País. Ele não é só o profissional mais importante da educação, ele é o mais importante do País, porque todos os profissionais dependem de bons professores ao longo de toda trajetória escolar. [O modelo predominante], ainda do século 19, de professor palestrante, que usa o quadro negro, não tem nada a ver com a interação que essa geração demanda, que motive essa geração. Se quando eu estava na escola ela já era arcaica, para essa geração, hoje... não tem nada a ver com a vida deles. E tudo come-



ça na formação de professores. Na boa formação de professores. E está aí um elemento nós estamos dispostos a mostrar, para enfrentar essa briga. Não é simples. Porque, hoje, 66% da formação de professores em pedagogia e licenciatura acontece de forma remota, 100% on-line - não o on-line moderno, mas o on-line antigo - em instituições privadas. Nada contra o on-line e nem contra o privado. Mas o encontro desses dois elementos, sem qualidade... Não faz sentido a gente ter no Brasil esses cursos despejando no mercado um profissional que não

está preparado para esse tipo de inovação, para a sala de aula invertida, para novas didáticas, para uma pedagogia mais moderna, mais contemporânea, que consiga contextualizar a aprendizagem para a vida do aluno. A cada cinco minutos o professor tem que responder a seguinte pergunta: por que você está aprendendo isso? O aluno tem que se conectar com aquela aprendizagem o tempo inteiro. Não pode restar dúvida a respeito de por que ele está aprendendo aquilo, para que serve aquela aprendizagem. E o como aprender importa muito”.

Esse processo de formação terá de ser amplo o suficiente para que os docentes não estejam preparados apenas para a transmissão de conhecimentos, mas também para a formação e o aperfeiçoamento integral dos estudantes, o que inclui as dimensões física, emocional e espiritual.

Evidentemente, não é possível atribuir toda a responsabilidade pela mudança às autoridades governamentais em suas três esferas. Toda a sociedade deverá se envolver no esforço que terá de ser feito para que o País supere seus problemas numa área tão sensível para o desenvolvimento como é o da educação.

E não seria justo encerrar sem mencionar a responsabilidade dos próprios professores, que precisarão passar por mudanças acentuadas na sua forma de agir. Terão de sair de suas zonas de conforto, incorporando metodologias e técnicas que encantem os estudantes.

Sair da zona de conforto, “deixando de fazer como sempre foi feito”, implica em assumir riscos e em qualquer atividade que envolva risco a margem de erro aumenta. Diante disso, dois aspectos devem ser considerados: (i) é fundamental que os próprios professores tenham consciência da possibilidade de não dar certo. Também para essa possibilidade, é preciso que estejam preparados para aprender

com o erro ou fracasso. Afinal, como disse Carl Jung: “Fracassar é indispensável para aprender, e somente quem está disposto a fracassar pode realizar algo” (em SALIBI NETO; GOMES, 2020, p. 248); (ii) as instituições de ensino também precisam estar preparadas para apoiar e dar respaldo aos professores que estiverem se empenhando para se aperfeiçoar, principalmente nos momentos em que as novas experiências não atingirem os resultados esperados, o que é perfeitamente compreensível na fase de transição.

Encerro com uma reflexão a respeito da importância de assumir riscos. A capacidade de assumir riscos e de superá-los satisfatoriamente não é algo que uma pessoa aprenda num curso, de forma padronizada, como uma disciplina qualquer. Trata-se, ao contrário, de um tipo de capacidade que alguns vão desenvolvendo melhor do que outros, num ritmo que muitas vezes não pode ser acelerado, pois depende de uma série de características e atributos pessoais.

No entanto, é algo essencial, num mundo em que as mudanças ocorrem num ritmo cada vez mais frenético. E, sobre a capacidade de assumir riscos, vale registrar um texto que, embora de autoria desconhecida, consegue refletir dois momentos sucessivos: o da ansiedade provocada pelo resultado desconhecido e o da gratificação pela mudança bem sucedida.



*Rir é arriscar-se a parecer louco.
 Chorar é arriscar-se a parecer sentimental.
 Estender a mão para o outro é arriscar-se a se envolver.
 Expor seus sentimentos é arriscar-se a não ser amado.
 Expor suas ideias e sonhos ao público é arriscar-se a perder.
 Viver é arriscar-se a morrer.
 Ter esperança é arriscar-se a sofrer decepção.
 Tentar é arriscar-se a falhar.
 Mas é preciso correr riscos.
 Porque o maior azar da vida é não arriscar nada.
 Pessoas que não arriscam, que nada fazem,
 nada são.
 Elas podem estar evitando o sofrimento e a tristeza.
 Mas assim não podem aprender, sentir, crescer,
 mudar, amar, viver.
 Acorrentadas às suas atitudes, são escravas.
 Elas abriram mão de sua liberdade.
 Só a pessoa que se arrisca é livre.
 Arriscar-se é perder o pé por algum tempo.
 Não se arriscar é perder a vida.*



Referências

- ANTUNES, Celso. *A teoria das inteligências libertadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BUZAN, Tony. *How to mind map*. London: Thorsons, 2002.
- CRUZ, Priscila. Como melhorar o ensino básico no Brasil. *Diálogos no Espaço Democrático*. Disponível em <https://espacodemocratico.org.br/wp-content/uploads/2022/06/educacao-infantil-bx.pdf>.
- DAVILA, Anapaula Iacovino; MACHADO, Luiz Alberto; PAULA, Mauricio Andrade de; SANTOS, Sonia Helena. *Economia + Criatividade = Economia Criativa*. São Paulo: Scriptum, 2021.
- DePORTER, Bobbi (with Mike Hernacki). *Quantum learning: unleash the genius within you*. New York: Dell Publishing, 1992.
- DRYDEN, Gordon; VOS, Jeannette. *Revolucionando o aprendizado*. Tradução de Marisa do Nascimento Paro. Revisão técnica de Victor Mirshawka. São Paulo: Makron Books, 1996.
- DUNN, Rita; DUNN, Kenneth; TREFINGER, Donald. *Bringing Out the Giftedness in Your Child: Nurturing Every Child's Unique Strengths, Talents and Potential*. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1992.
- ESPÍRITO SANTO, Ruy César do. *O renascimento do sagrado na educação*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- GARBO, Marie; DUNN, Rita; DUNN, Kenneth. *Teaching students to read through their individual learning styles*. Boston: Allyn and Bacon, 1991.
- GARDNER, Howard. *Frames of mind: the theory of multiple intelligences*. New York, NY: Basic Books, Harper Collins s/d.
- GRINDER, Michael. *Righting the educational conveyor belt*. Portland: Metamorphous Press, 1989.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- MACHADO, Luiz Alberto. *Como vencer os desafios da carreira profissional*. São Paulo: Trevisan, 2012.
- _____. *A opção pela criatividade*. Disponível em <https://escolanomadeparamentescriativas.com/professores-convidados/a-opcao-pela-criatividade/>.
- MORAES, Maria Cândida; DE LA TORRE, Saturnino. *Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- OECH, Roger von. *Um "TOC" na cuca*. Tradução de Virgílio Freire. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1988.
- RAMOS, Cosete. *O despertar do gênio: aprendendo com o cérebro inteiro*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.
- RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*. Rio de Janeiro: Versal, 2017.
- ROSE, Colin. *Accelerated learning*. New York, NY: Dell, 1985.
- SALIBI NETO, José; GOMES, Adriana Salles. *O algoritmo da vitória: lições dos melhores técnicos esportivos de todos os tempos para você aplicar em seu time, sua carreira e sua vida*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.
- SERRA, Floriano. *A terceira inteligência*. São Paulo: Butterfly, 2004.
- TORRANCE, Paul. *Creativity - just wanting to know*. Pretoria, South Africa: Benedic Books, 1995.



**espaço
democrático**

Fundação para Estudos e Formação Política do PSD

Presidente
Alfredo Cotait Neto

Coordenador Nacional
de Formação Política
Raimundo Colombo

Coordenador Nacional
de Relações Institucionais
Vilmar Rocha

Secretária
Ivani Boscolo

Diretor Superintendente
João Francisco Aprá

Conselho Consultivo

Presidente
Guilherme Afif Domingos

Conselheiros
Alda Marco Antonio
André de Paula
Cláudio Lembo
Omar Aziz
Otto Alencar
Rafael Greca
Ricardo Patah

Conselho Superior de Orientação

Presidente
Gilberto Kassab

Conselheiros
Antonio Brito
Belivaldo Chagas
Carlos Massa Ratinho Junior
Eduardo Paes
Guilherme Campos
Letícia Boll Vargas
Marcos Trad
Rodrigo Pacheco
Samuel Hanan

DOCUMENTOS - Coleção 2022 - Por um modelo pedagógico atualizado

ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: **EspacoDemocraticoPSD** Twitter: **@espdemocratico**

Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)

Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Foto - Scriptum



www.espacodemocratico.org.br

DOCUMENTO